

SÃO LUIZ

Teatro
Municipal
2013

19 Abr Clube da Palavra ao vivo

Sexta às 23h30

Jardim de Inverno
m/16

Co-produção:
Produções Fictícias,
SLTM

A palavra e a revolução ou da revolução das palavras, postas por outra ordem, baralhar e voltar a dar, extra, extra, complemento directo troca as voltas ao sujeito e ao predicado e ao futuro, soube-se hoje nas notícias da noite, isto apesar de a revolução (a própria) não ser televisionada. Quem sabe, a boa nova pode ter vindo da rádio, como o comunicado naquela madrugada que esperávamos, o dia inicial inteiro e limpo e grávido (ávido?) de palavristas. Só não apelamos a que se mantenham em vossas casas, antes pelo contrário. 39 degraus, 39 anos depois antecipamos a festa, apelamos à acção/detonação. Joana Manuel abraça tudo o que é Zé Ninguém e Rui Zink faz negaças e instala o medo, a bem da nação. João Afonso e Rogério Pires acompanham à guitarra a herança que não se contorna e também tudo o resto, a herança que se espera, como aquela tal madrugada. Porque a cantiga é uma arma automática e o diabo que a carregue. A palavra é uma bala, uma lâmina, foice de vontades ou catapulta. Quem a domina, vence. Novilíngua ou inspiração. Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Quem controla o palco, controla o presente. A liberdade está a passar por aqui mas não chega. Há tantas palavras boas que a podem acompanhar, há tantos desenhos bons que a podem exaltar. António Jorge Gonçalves é quem mais ordena aos comandos do desenho digital. Já o povo, enfim, melhores dias virão, apesar de uma constituição que o substituiu por “pessoas”. Ver artigo 81. Mais tarde, depois de fecharmos as hostilidades.

Clube da Palavra, a língua a quem a trabalha.

www.facebook.com/clubedapalavra

Rui Zink escreve livros, dá aulas, imagina coisas.

João Afonso tem sido um dos principais “Cantautores” Portugueses da actualidade. O seu primeiro disco “Missangas” (1997), produzido por Júlio Pereira recebeu o prémio de melhor voz masculina nacional (prémios Blitz 1998). Mais tarde seguiram-se “Barco Voador” (1999), “Zanzibar” (2002), com produção de José Carrapa “Outra Vida” (2006) produção de João Lucas e “Um Redondo Vocábulo” (2009). Este último que resulta de um espectáculo intimista sobre a obra poética e musical de José Afonso ao lado do pianista João Lucas. Neste momento encontra-se a terminar um disco com musicas suas de poemas inéditos de Agualusa e Mis Couto. “Sangue Bom” tem a produção de Vitor Milhanas e estará em breve na rua. Os seus discos foram editados nacional e internacionalmente e tem percorrido grande parte do mundo a representar a música portuguesa. Em toda a sua carreira trabalhou com músicos e intérpretes do panorama musical nacional e internacional como José Mário Branco, Fausto Bordalo Dias, Amélia Muge, Júlio Pereira, Filipa Pais, Uxia, Luís Pastor, o grupo Mestisay, Pablo Milanés, Paco Ibañez, Pedro Guerra e Javier Ruibal, entre outros. Entre os projectos discográficos em que participou destacam-se: “Maio Maduro Maio”, com José Mário Branco e Amélia Muge (1995), “Janelas Verdes” Júlio Pereira (CNM, 1990), “Acústico” Júlio Pereira (Sony, 1994) “Voz & Guitarra” (1997), “Encontros” João Lóio (1997) “Novas vos Trago” (1998), “Por el mar de mi mano” Luís Pastor (1998) “La rosa de los vientos” Mestisay (1998) “Cantigas de Amigo” (1999), “Danza das areas” Uxia, (2000), “Canções de Embalar” vários (2001), “A Ópera Mágica do Cantor Maldito” Fausto (Sony, 2003), “Cores do Atlântico” (2010), Zeca Medeiros (2010) e Imanol (2011).

Rogério Pires fez o curso de Viola Dedilhada no Conservatório Nacional de Lisboa; é licenciado em Filosofia pela Universidade Clássica de Lisboa e tem-se apresentado em formações musicais diversas e em espectáculos em que coexistiram música e poesia, música e dança, música improvisada e dança improvisada. Actualmente, integra o Grupo Normal, com o percussionista Mick Trovoada; os Cadernos de Viagens, com músicas originais do acordeonista Michel; o grupo de José Medeiros e o duo Buganvilia, com João Afonso. Mais do que artista, assume-se como esteta de cada dia e cultor da amizade.

Joana Manuel “Nasci em Oeiras em 1976, nunca soube muito bem o que andava por aqui a fazer e acabei por encontrar nisso um certo sentido. Sou cantora de formação e actriz profissional desde 2001, andei entre Coro Gulbenkian e Teatros Nacionais durante uns anos, até (re)descobrir o encanto das franjas que agora estão a ser furiosamente cortadas. (Tenho saudades do Cão Solteiro.) Amanhã vou ser Cassandra no Tabora e depois volto a dar a voz para publicitar massas e detergentes e assim pagar as minhas massas e detergentes. Entretanto tenho mandado lixar a troika. Mas ela parece um bocado surda.”

Pedro Vieira trabalha no Canal Q das Produções Fictícias como criativo e é ilustrador em regime *freelance*. Blogger indefectível, criou o “Irmão Lúcia” e é co-autor do *Arrastão*. Estreou-se na ficção com “Última paragem, Massamá” e nas crónicas com “Éramos felizes e não sabíamos”.

António Jorge Gonçalves nasceu em Lisboa e vive desenhando-se a si e aos outros em papéis, corpos, ecrãs, paredes, palcos e árvores. É dele o desenho digital deste Clube da Palavra ao vivo.